

APRESENTAÇÃO: SOBRE MARX, ENGELS E O CARTISMO

PRESENTATION: MARX, ENGELS AND THE CHARTISM

Paulo Douglas Barsotti¹

RESUMO: Este artigo apresenta o texto de Karl Marx, *A Constituição da República Francesa aprovada em 4 de novembro de 1848*, publicado em 14 de junho de 1851, no *Notes to the people*, jornal da ala revolucionária do cartismo, dirigido por Ernest Jones, procurando resgatar a importante relação e colaboração direta de quase duas décadas entre os comunistas alemães e o cartismo, a forma mais rica do movimento operário inglês.

PALAVRAS-CHAVE: Karl Marx. Engels. Cartismo.

ABSTRACT: This article presents the text of Karl Marx, *The Constitution of the French Adopted, November 4, 1848*, published on June 14, 1851, in *Notes to the people*, a newspaper of the revolutionary area of Chartism, directed by Ernest Jones, which has tried to rescue the important relationship and direct collaboration, of nearly two decades, between the German Communists and Chartism, the most wealthy British labor movement.

KEYWORDS: Karl Marx. Engels. Chartism.

I

Os contatos iniciais com o cartismo² - primeiro movimento social e político da Era Moderna – são estabelecidos por Engels e não por Marx. Isto acontece em 1842, quando – logo após ter concluído voluntariamente o serviço militar em Berlim – Engels é enviado pelo *padre patrono* para trabalhar em seu novo empreendimento, a *Ermen&Engels*, localizada em Manchester, centro da indústria têxtil inglesa, bem como da concentração dos operários fabris e do cartismo.

¹ Doutor em História Econômica (USP). Professor da Fundação Getúlio Vargas-SP.

² Para Engels, em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, de 1845, o nascimento do cartismo data dos anos oitenta do século XVIII no interior do partido *democrático* que “desenvolveu-se com o proletariado e, ao mesmo tempo, no proletariado” e, depois da Revolução Francesa ganha novo impulso, se fortalece e se apresenta como partido *radical*, deslocando-se de Londres para Birmingham e Manchester. (ENGELS, 2008, p.262) Na década de 1830, os trabalhadores lutaram ao lado da burguesia pela reforma do sistema eleitoral – a *Reform Bill* (1832). Na sequência, a burguesia se opõe à extensão da emancipação política aos trabalhadores. A partir desta data, o movimento dos trabalhadores vai se tornando independente da burguesia e se consolidando “mais claramente como partido operário”. (*Idem*) Em 1838, é elaborada a *Carta do Povo* (*People’s Charter*) pela Associação dos Trabalhadores de Londres (*London Working Men’s Association*), liderado pelo carpinteiro William Lovett (1800-1877), do partido da *força moral* ou da *Água Rosada*, que também incluía os partidários de Robert Owen (1771-1858), defensores da via pacífica. Em contrapartida, estavam os partidários da *força física* que neste momento se alinhavam em torno do professor irlandês Feargus O’Connor (1794-1855), defensores da via insurrecional esgotadas todas as outras possibilidades de vitória. A *Carta* continha seis pontos: 1) sufrágio universal masculino para todos os homens maiores, mentalmente sadios e não condenados por crime; 2) renovação anual do parlamento; 3) remuneração para os parlamentares para possibilitar que indivíduos sem recursos pudessem exercer mandatos; 4) eleições por voto secreto, para evitar a corrupção e a intimidação pela burguesia; 5) colégios eleitorais iguais, para garantir representações equitativas; 6) supressão da exigência [...] da posse de propriedades fundiárias no valor de trezentas libras como condição para a elegibilidade. (Cf. ENGELS, 2008, p.262)

Nesta primeira estada de dois anos na Inglaterra, Engels é levado pelas mãos das irmãs irlandesas Mary e Lizzie Bruns, a conhecer o cotidiano dos bairros operários daquela cidade. Este não foi seu primeiro encontro com as “chamadas questões materiais”, com o pauperismo e as condições de vida do proletariado. Por sua condição de classe, desde cedo, vive o universo da atividade industrial paterna em Barmen, pólo da indústria têxtil da Prússia, um misto de sistema domiciliar e manufatureiro. O jovem Engels não passa incólume por esta experiência, entre o contraste de sua existência familiar e a dos trabalhadores de sua cidade natal e da vizinha Elberfeld. Indignado com a situação de pauperismo dos trabalhadores, aos 19 anos publica, anonimamente, seu primeiro ensaio de envergadura – as *Cartas de Wupperthal* – que envia para *O Telégrafo Alemão* (*Telegraphfür Deutschland* - 1839), onde denuncia este estado de coisas. Engels caminha, assim, a passos largos, para a negação de sua origem de classe e na direção da perspectiva da emancipação humana. Agora, na Inglaterra, “topo do mundo” capitalista, ele pode ver com maior nitidez o impacto da revolução industrial nas condições de vida dos trabalhadores.

As contradições do sistema fabril aparecem em cristalina plenitude, isto é, o pujante e brilhante desenvolvimento econômico-tecnológico e a sua contra-face horrorosa, o pauperismo. Esta nova realidade impõe uma guinada em suas reflexões teóricas. O jovem Engels, passa da *crítica à filosofia idealista alemã* dos anos anteriores – onde esteve próximo aos neohegelianos de Berlim – para os estudos de economia política, que poderiam permitir o entendimento de tudo aquilo que ocorria diante de seus olhos.

Assim, inicia suas pesquisas na Biblioteca Chetham, de Manchester, onde – além da leitura de autores de economia política – descobre os relatórios oficiais das comissões parlamentares e dos inspetores de fábricas (1831-1844), que tratam da vida operária nos centros industriais da Inglaterra. Os resultados destes dois anos de estudos e observações analíticas de Engels, não o tornam um economista político, mas sim um *crítico* da economia política, passo decisivo para a construção e elaboração da futura concepção materialista da história.

O primeiro resultado destas pesquisas e reflexões de Engels é o *Esboço para uma crítica da economia política*, pioneiro na análise crítica e histórica da economia burguesa. As teses que conduzem seu artigo podem ser sintetizadas desta forma: a natureza histórica do capitalismo e da teoria econômica burguesa; a função da economia como chave para o entendimento da sociabilidade capitalista, que tem como fundamento a propriedade privada burguesa; a sua desmistificação ideológica como justificativa dos interesses capitalistas; a concorrência como essência do capitalismo; as crises cíclicas previstas de cinco em cinco anos; a concentração do capital e da redução dos salários como tendências objetivas do desenvolvimento capitalista; e a possibilidade de fundamentar não só filosoficamente, mas economicamente, o ponto de vista do proletariado como ser atuante e da revolução social.

Este texto é publicado em 1844, no único número dos *Anais Franco-Alemães* - AFA (*Deutsch-Französische Jahrbücher*), revista editada por Marx e Arnold Ruge (1802-1880), que provoca no futuro amigo um estímulo decisivo para seus estudos econômicos e foi o elo de reaproximação de ambos. Dissipa-se assim, o mal estar do primeiro encontro entre eles em 1842, na redação da *Gazeta Renana* - GR (*Rheinische Zeitung*), onde Marx imagina ser Engels um arauto dos *Livres* (*Freien*), de Berlim, neohegelianos que se agrupavam em torno de Bruno Bauer (1809-1882), com quem acabara de romper, e prepara o futuro encontro histórico de Paris.

O segundo resultado é *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* – redigida em seis meses e concluída em março de 1845 – uma crítica implacável do capitalismo industrial nascente e que pode ser considerada a obra-prima de Engels. Utilizando-se do arsenal teórico desenvolvido no “esboço”, *A situação...* é também obra pioneira em retratar a vida da classe operária que, pela primeira vez, aparece não só como uma *classe sofrida e passiva*, mas como uma *classe atuante* que se revolta, luta e se organiza para sair da condição de embrutecimento a que está submetida, elevando sua consciência.

A importância destes trabalhos é assim dimensionada por Marx, no Prefácio que escreve em *Para a crítica da economia política*, de 1859:

Friedrich Engels, com quem mantive por escrito um intercâmbio permanente de ideias desde a publicação de seu genial esboço de uma crítica das categorias econômicas (nos Anais Franco-Alemães), chegou por outro caminho (compare o seu trabalho *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*) ao mesmo resultado que eu. (MARX, 1982a, p.26).

As preocupações de Engels não eram só teóricas. Sua experiência prática com o capitalismo o empurrava para uma concepção de mundo que não dissociava *teoria* da *prática* e que entendia o *saber como imperativo para agir*. Não bastava observar a vida dos trabalhadores, mas entrar em contato direto com o cartismo – o movimento político independente dos trabalhadores que unia *democracia política* com *democracia social-econômica* – e se incorporar em suas lutas.

Ao chegar à Inglaterra no verão de 1842, o operariado inglês – após as derrotas da década anterior – vivia uma nova onda grevista impulsionada pela crise econômica e pelo desenvolvimento do movimento cartista. Esta situação será imediatamente tratada numa série de artigos – *Cartas desde a Inglaterra* – que Engels envia para a GR, até a interdição deste jornal.

A aproximação com o cartismo será feita em Manchester, por intermédio de James Leach que, de trabalhador agrário, torna-se um operário fabril. Leach publicara anonimamente em 1844, *Fatos irrefutáveis sobre as fábricas por um operário de Manchester (Stubbon Facts from the Factories by a Manchester Operative)*, que seria uma das fontes privilegiadas de Engels para *A situação...*

Em Leeds, conhece George Julian Harney (1817-1897) e James O’Brien Bronterre (1805-1864), lideranças da ala revolucionária do cartismo. Ideologicamente, é bom que se recorde, o movimento cartista não era homogêneo e apresentava uma divisão em dois grandes blocos quanto aos rumos da luta. Os moderados preconizavam a via pacífica, legal e institucional, e os revolucionários a luta contra o estado e a revolução social.

Harney e Bronterre eram internacionalistas e influenciados pelo comunismo de François-Noel Gracchus Babeuf (1760-1797). Bronterre havia traduzido o panfleto de Philippe Buonarroti (1761-1837) – *a Conspiração dos Iguais*, de Babeuf, de 1828 – e Harney era um dos redatores de *A Estrela do Norte* - EN (*The Northern Star*), o mais importante periódico do movimento – com tiragens que passavam de 10 mil exemplares – que tinha na linha de frente O’Connor, principal liderança do cartismo. O resultado é que Engels passa a colaborar com o jornal e também estabelece relações de amizade com Harney. Conhece partidários de Owen e

passa a colaborar na revista *O Novo Mundo Moral* (*The New Moral World*), onde escreve sobre o comunismo que se desenvolvia no continente e era desconhecido pelos ingleses.

Assim, a partir de 1843, Engels torna-se um ativo jornalista do cartismo e passa a se considerar como um militante do partido. O objetivo desta atuação era a difusão da experiência social inglesa no continente e, na ilha, divulgar o comunismo. Além dos cartistas, neste mesmo ano, trava contato em Londres com os exilados Karl Shapper (1812-1870), Heinrich Bauer (1813-1851), Johann Friedrich Eccarius (1818-1889) e Joseph Moll (1813-1849), trabalhadores alemães da organização secreta *Liga dos Justos* – LJ – criada em Paris após cisão com a *Liga dos Banidos*, em 1836. Desde este momento, é convidado a fazer parte da LJ, porém se recusa por não concordar com o “comunismo igualitário” e “artesanal” de Wilhelm Weitling (1808-1871) – autor de *A humanidade tal como é e como deveria ser* – referência ideológica e programática da organização. Mesmo sem aderir à LJ, Engels mantém as relações estabelecidas.

II

Como vimos, é o “esboço genial” que vai reaproximar Marx e Engels, encontro que se realiza no verão de 1844, em Paris, no *Café de la Régence*, palco tradicional da *intelligentsia* parisiense.

Marx estava na cidade desde 1843 e, neste momento, já havia rompido com o *politicista* e anti-comunista Ruge, seu último elo de ligação com os neohegelianos. A crítica do direito e da política – a *alienação profana* – já estava liquidada para Marx e, desde o início do ano, o foco de suas reflexões centravam-se na *crítica da alienação econômica*. Assim, realiza suas leituras de economia política anotadas nos *Cadernos de Paris* – que incluem uma pequena anotação do “esboço genial” de Engels – e projeta o trabalho incompleto, que resultou nos *Manuscritos econômicos e filosóficos*, de 1844.

O encontro dura dez dias e, por caminhos diferentes, mas convergentes – Marx mais pela *crítica do direito e da política* e Engels mais pela *crítica da economia política* – é firmada uma amizade e comunhão teórico-política de quase quatro décadas, creio, jamais vista até agora na história humana. Anos mais tarde, diria Engels sobre o encontro de Paris: “ficou patente nosso acordo completo em todos os terrenos teóricos, e data desta época nossa colaboração”. (ENGELS, 1976, p.186)

Deve-se insistir aqui, que o caminho que Engels percorre para chegar a formular resultados que o conduzem à concepção materialista da história, passa decisivamente por sua experiência na Inglaterra e, em especial, com o cartismo. Também não é difícil concordar que, neste momento, era Engels quem tinha mais a dar a Marx, que não conhecia o capitalismo de ponta, sua classe operária mais desenvolvida e seu movimento político e social. O cartismo, desse modo, pode ser considerado como *a última influência mais forte* que antecede a formulação da concepção materialista da história.

A primeira tarefa que Marx e Engels estabelecem – após selado o *acordo teórico-prático* – é tornar pública a nova perspectiva histórica, para se livrarem definitivamente de qualquer vínculo com o idealismo filosófico e especulativo dos neohegelianos, principalmente com os

Livres de Berlim. Para cumprir esta finalidade, projetam escrever um panfleto que na verdade se torna um livro, *A sagrada família – crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes*, de 1845, onde a participação de Engels é restrita.

Após este encontro, Engels dirige-se para a Alemanha, a fim de divulgar as ideias comunistas e, pouco tempo depois, Marx – como todos os colaboradores do *Avante!* (*Vorwärts*) – é expulso da França por pressão do governo prussiano em razão da férrea oposição que o jornal fazia àquele governo. Pela agitação que fazia na Alemanha, Engels torna-se alvo da polícia prussiana e seu destino, assim como o de Marx, será Bruxelas.

Juntos novamente na capital belga, projetam uma viagem de seis semanas à Inglaterra. Tratava-se de uma viagem de atualização com a economia política recente e do estabelecimento de conexões políticas com o movimento cartista e com a LJ. Inicialmente, dirigem-se a Manchester e, com Engels de *cicerone*, Marx conhece o “caminho das pedras” percorrido pelo amigo em suas pesquisas na Biblioteca de Chetham. Podemos dizer que é com Engels que Marx aprende a valorizar e manusear *os livros oficiais* do estado inglês, que serão de grande valia para a elaboração de *O capital*.

A próxima parada é Londres, onde Engels apresenta Marx à ala revolucionária do cartismo e acertam com Harney a continuidade da colaboração no jornal EN. Reúnem-se também com a LJ e a impressão causada é que, embora caminhassem para a superação do “comunismo artesanal” de Weitling, estavam agora girando na órbita do “socialismo verdadeiro” alemão.

Ainda na capital inglesa, participam de um evento proposto por Harney, que – além dos cartistas – contava com a presença da LJ e de lideranças democráticas de várias nacionalidades com vistas à criação da primeira organização operária internacional. Assim, é criada um ano mais tarde, em 22 de setembro de 1845, a sociedade *Democratas Fraternos* – DF (*Fraternal Democrats*), que tinha como divisa “Todos os homens são irmãos” e o objetivo de difundir a solidariedade proletária internacional e estimular a luta por sua emancipação. Não se pode esquecer ainda que, em Londres, Marx e Engels encontram-se amistosamente pela primeira vez com Weitling, diferentemente do que viriam a ser os encontros posteriores. Todos estes contatos fortalecem em Marx e Engels a importância da luta de classes e da solidariedade internacional proletária. Convém ressaltar o papel que cumpre Engels de excelente mediador e articulador político entre o cartismo radical e a LJ.

Após esta viagem, duas ações são projetadas. A primeira, de caráter teórico-político, para marcar a nova posição conquistada – a concepção materialista da história – contra a concepção idealista e especulativa da história alemã. O trabalho foi coordenado por Marx e, além de Engels, contou com a participação de Moses Hess (1812-1875), que chegou a entregar dois artigos, um contra Ruge e outro contra o “socialismo verdadeiro”. O primeiro foi rejeitado e o segundo reescrito por Marx e Engels. O projeto é concluído em 1846 e se configura na monumental *A ideologia alemã – crítica novíssima à filosofia alemã nas pessoas de seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner e do socialismo alemão nos seus diferentes profetas* – IA, que não foi publicada pelas dificuldades financeiras e políticas encontradas por Joseph Weydemeyer (1818-1886), que seria seu editor. Assim, a IA teve o mérito de representar o “ajuste de contas com a nossa antiga consciência filosófica” – como refere Marx no Prefácio

de 1859 – e de bom grado ficou abandonado à “crítica roedora dos ratos”, porque o objetivo principal havia sido alcançado: “a compreensão de si mesmo”. (MARX, 1982a, p.26)

O segundo projeto era de ordem prático-política: a criação de uma rede de *Comitês de Correspondência Comunistas* (CCC). Seu objetivo era o de transcender os limites das nacionalidades, promover o intercâmbio de ideias e a difusão da experiência internacional do cartismo, dos socialistas franceses e influenciar nos socialistas alemães.

No início de 1846, Marx e Engels criam em Bruxelas um CCC e são feitos convites aos franceses Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) e Etienne Cabet (1788-1856), para participarem do comitê. Proudhon responde a Marx, no mesmo mês de maio, onde manifesta uma posição ambígua quanto ao convite, mas faz claras reservas quanto ao que chama de “dogmatismo econômico” e à “nova religião da razão” – alusivas a Marx – e afirma, reiterando seu abstencionismo, não acreditar que a ação revolucionária seria o meio para a reforma social. (Cf. MARX, 1982, p.201-202) Cabet aceita, mas como seu conterrâneo, não participa efetivamente do comitê.

Diferente será a posição de Harney e da ala esquerda do cartismo e da LJ de Londres, que mantêm intensidade nas correspondências. O fato é que o CCC de Bruxelas abre, com estes dois grupos, relações efetivas e de reciprocidade política. Nesta direção, Marx e Engels sempre manifestaram apoio a Harney na luta travada contra a ala radical pequeno-burguesa, que se utilizava do partido cartista para ganhar popularidade e cair nas graças das classes médias. Durante todo este ano, é instalada uma rede na Alemanha e, em sua estada em Paris, Engels – por proposta de Marx – cria, com a LJ, um CCC na cidade.

As relações entre os diversos comitês não eram tão tranqüilas e, por vezes, o comitê de Bruxelas sofria ataques principalmente dos membros da LJ de Londres, por não concordarem com as “críticas sectárias” que os “literatos de Bruxelas” desferiam contra determinadas concepções do movimento internacional.

O primeiro capítulo da luta ideológica travada pelo comitê de Bruxelas tem como alvo Weitling. Dois anos antes, Marx elogiara sua obra “como a retumbante estréia do proletariado alemão que poderia se transformar no teórico do proletariado europeu”, publicado em *O Avante*.³ Tampouco a crítica poupava o “socialismo verdadeiro” e “sentimental” de Hermann Kriege (1820-1850), entre outros. Contrapondo-se a estas concepções consideradas rudimentares e fantasiosas do comunismo, Marx e Engels apresentam uma estratégia política de predomínio dos interesses da classe operária sobre a burguesia, do fim da propriedade privada e da perspectiva da revolução social.

É em 1847 que finalmente Marx e Engels, superadas momentaneamente as diferenças ideológicas com a LJ, aceitam seu convite para ingressar na agremiação, que pretendia se organizar em novos moldes teóricos e, para esta finalidade, são convocados dois congressos. O primeiro em junho, onde a LJ se torna a *Liga dos Comunistas* (LC), e o 2º. Congresso, em novembro, onde Marx e Engels são encarregados pela elaboração do *Manifesto Comunista* (MC), um documento em que se expusesse a nova orientação da organização.

³ Refiro-me ao artigo, Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”. De um prussiano, de 1844.

Ainda neste ano, criam uma comuna *secreta* da LC, em Bruxelas, e para o trabalho *legal* de difusão cultural, fundam em agosto a *Sociedade dos Operários Alemães*, onde Marx proferiu as conferências denominadas *Trabalho assalariado e capital*. Em setembro, criam a *Sociedade Democrática* nos mesmos moldes dos *Democratas Fraternos*, de Londres.

Na impossibilidade econômica de estabelecer um órgão de imprensa independente da LC, Marx e Engels passam a colaborar com a *Gazeta Alemã de Bruxelas* (*Deutsche Brüsseler Zeitung*), editada por alemães emigrados. Mesmo com a intenção fracassada de transformá-la num órgão da LC, Marx e Engels encontraram ali espaço para a preparação política e ideológica da classe operária para a revolução europeia que se aproximava.

Em seu artigo de estréia neste periódico, Marx desmascara a demagogia reacionária do “socialismo estatal” preconizado pelo *Observador Renano* (*Rheinischer Beobachter*), que apresentava a monarquia burocrática prussiana e anti-liberal, como tutora e defensora dos trabalhadores. Para Marx, a classe operária não deveria esperar auxílio de ninguém a não ser de si mesma e que, entre a monarquia – o *reino da burocracia* – e a república – o *reino da burguesia liberal* – o último era preferível, uma vez que permitia a organização dos trabalhadores e a liberdade de imprensa. Porém, qualquer processo de revolução democrática burguesa na Alemanha, só teria êxito com a participação vital das massas trabalhadoras e populares, como nas revoluções burguesas na Inglaterra no século XVII e na França no século XVIII.

O próximo adversário a ser combatido por Marx e Engels será o republicano radical e anti-comunista Karl Heinzen (1809-1880), antigo colaborador da GR, que acusava os comunistas de separar os homens em classes sociais – por ele unificadas pelo conceito abstrato de “a humanidade” – e, assim, de dividir o campo democrático.

Engels é quem inicia a polêmica, através de seu artigo *Os comunistas e Karl Heinzen*, refutando as acusações. Ele defende que os comunistas sempre buscavam a unidade do campo democrático revolucionário e, assim, enquanto a monarquia prussiana – o inimigo comum – não fosse derrotada, as divergências existentes entre as duas posições não seriam impeditivos para que nessa batalha não fossem aliados. Também demonstra a ingenuidade política de Heinzen que, distante da realidade europeia, acreditava que a justiça social pudesse ser estabelecida com um único golpe contra a monarquia prussiana.

Em resposta, Heinzen escreve um novo artigo – *Um “representante” do comunismo* – que repete a mesma ladainha de críticas moralistas ao comunismo e insiste na alternativa entre “monarquia e república” como a questão social da época, coisa que os comunistas não compreendem. Quem irá contestar agora o “crítico do comunismo” será Marx, com uma série de cinco artigos – *A crítica moralizante e a moral criticante: contribuição à história da civilização alemã contra Karl Heinzen* – onde desdobra os argumentos de Engels. Aqui, Marx demonstra o moralismo pequeno-burguês e a mediocridade de Heinzen em relação à política, que é por ele apresentada como onipotente e a instância que determina as relações de propriedade, portanto, responsável por toda injustiça social. Para Marx, esta visão *politicista* é unilateral, pois não considera que as relações políticas são também relações sociais e que a política é que seria dependente das relações de propriedade e do desenvolvimento das relações de produção. Como demonstração deste fato, retrata o desenvolvimento histórico da monarquia absoluta como *forma política de equilíbrio precário* determinado pelas condições materiais das “épocas de transição em que a velha

organização feudal declina e a burguesia medieval evolui para a classe burguesa moderna, sem que nenhum dos partidos em luta possa ainda liquidar ao outro”. (MARX, 1973, p.241) No caso específico da Alemanha, o fato da monarquia absoluta ter se colocado tardiamente e durar mais tempo, é explicado pela “evolução raquítica da classe burguesa alemã”. (*Idem*: 242)

Para Marx, as alterações das formas políticas acontecem somente quando as condições materiais da existência social alcançam certo desenvolvimento que impõe à sociedade uma necessidade vital de modificação do *status quo* político. É deste modo, que as monarquias absolutas no curso da história se transformaram, de alavanca do crescimento da burguesia, em obstáculo para o seu desenvolvimento, sempre determinado pelas circunstâncias histórico-sociais e materiais.

Quanto ao dilema alemão “monarquia ou república” – Marx referindo-se aos seus textos dos AFA – o assunto deveria ser entendido dentro do quadro da *miséria alemã*. A Alemanha tinha como particularidade a formação de uma burguesia “raquítica” e, por isso, só então “começa sua luta contra a monarquia absoluta”, isto é, no momento em que já está “comprometida na luta mais violenta contra a classe operária”, como nas revoltas operárias da Silésia e Bohemia de 1844. Isso ocorre, ao mesmo tempo, como conseqüência do retardo de seu desenvolvimento industrial e inserção no mercado mundial. (*Idem*: 247)

Desta forma, apresenta-se um paradoxo: de um lado, a “miséria política da monarquia absoluta”, que persiste com sua casta burocrática e condições semifeudais em decadência, e, de outro, a emergência da moderna luta de classes entre a burguesia e o proletariado, antes mesmo da primeira ter completado sua formação, enquanto classe política. Nesta situação contraditória, Marx apresenta para o jovem proletariado alemão a seguinte estratégia política: apoio à revolução burguesa como mediação da revolução socialista e como momento de desenvolvimento político do proletariado.

A negação da monarquia e a opção pela república não se devem somente às concessões políticas e democráticas que a burguesia será obrigada a fazer, mas também a promoção do desenvolvimento econômico, que criará uma situação mais favorável para a união da classe trabalhadora, que é sua “primeira condição” de vitória. Para Marx, o desenvolvimento da consciência política do proletariado alemão, levará à criação de um partido de classe com independência ideológica, que deverá ter como referência as seguintes experiências:

Do mesmo modo que os operários constituem na Inglaterra um partido político com o nome de cartistas, os operários norte-americanos formam um partido político com o nome de *National Reformer* (Reformadores Nacionais); e seu grito de guerra não é absolutamente “monarquia ou república”, mas ditadura da classe operária ou ditadura da classe burguesa. (MARX, 1973, p.239)

Não se trata de uma luta que tem como horizonte apenas a alteração de uma forma política, mas sim de dominação social, que confere o caráter de luta de classes. Nestes textos não só aparece a posição de *crítica à política e ao estado*, arquitetada por Marx a partir de 1843, mas a importância atribuída ao movimento cartista, como a ponta do movimento operário, várias vezes citado como exemplo a ser seguido.

Das reflexões sobre a experiência cartista podemos extrair algumas fundamentais que aparecem em *Miséria da Filosofia* (MF), de 1847, o anti-Proudhon, e no *Manifesto Comunista*

(MC), de 1848. A primeira reflexão, expressa no capítulo final de MF, recai sobre a evolução operada historicamente pelo movimento operário inglês em seu nível de consciência. Trata-se do trânsito da consciência de *classe em si* – limitada às reivindicações econômicas – para a consciência de *classe para si*, momento em que o proletariado se afirma com identidade de classe, independência ideológica e com objetivos políticos específicos. Com clareza, é afirmado que – após a revolução proletária ter concluído suas *tarefas destrutivas* e iniciado suas *tarefas construtivas* com vistas à construção da nova sociedade – a “antiga sociedade civil” será substituída por “uma associação que excluirá as classes e seus antagonismos e não haverá mais poder político propriamente dito, já que o poder político é o resumo oficial do antagonismo de classe”. (MARX, 1982b, p.160) Fica claro nesta passagem que não se trata de *eternizar* o poder político e, muito menos, de *perpetuar* qualquer forma de estado.

Ainda em MF, emerge a ideia de *classe-partido* ou *partido-classe*, que não se restringe a uma agremiação *formal efêmera* e mutável de acordo com as condições da luta de classes, mas no *sentido histórico* – como expressa Marx, em 1860, em carta a Ferdinand Freiligrath (1810-1876) – de posição de classe que se forja na luta, nela se auto-educa, se auto-organiza rumo à sua auto-emancipação. É neste sentido, que no MC é afirmado que os “comunistas não formam um partido à parte oposto aos outros partidos operários” e que eles não tem “interesses que os separem do proletariado em geral” (MARX e ENGELS, 1977, p.96) Fica explícita a ideia de que o *partido-classe* comporta diferentes frações e que os comunistas, como fração específica, não substituem a classe e devem atuar, não fora, mas em seu interior. Desta forma, os comunistas “não formulam quaisquer princípios particulares a fim de modelar o movimento proletário”, apenas se apresentam como a “fração mais resoluta” e possuidora de uma *vantagem teórica*, com a “compreensão nítida” da realidade e da “marcha e dos fins gerais do movimento proletário”. (*Idem*) O objetivo imediato dos comunistas, deste modo, não difere dos outros partidos ou frações proletárias: “a constituição do proletariado em classe, a derrubada da supremacia burguesa, a conquista do poder político pelo proletariado” (*Idem*).

Ainda do MC, é repetida a ideia de MF em relação à etapa posterior da revolução proletária:

(...) no curso do seu desenvolvimento, desaparecerão as distinções de classe e toda a produção concentrar-se-á nas mãos dos indivíduos associados, *o poder público perderá seu caráter político*. O poder político propriamente dito é o poder organizado de uma classe para a opressão de outra” (*Idem*, p.104)

Durante o período de 1844-1848, o cartismo é o movimento político operário que exerce a maior influência em Marx e Engels.

Com a derrubada da monarquia de Luis Felipe e a eclosão da Revolução de Fevereiro na França (1848), que abre a *Primavera dos Povos*, Marx recebe o convite do Governo Provisório para voltar à República Francesa. Ao mesmo tempo, por decreto real, Marx é expulso da Bélgica, sob a alegação de interferir em sua política interna, com 24 horas para deixar o país. Agora em Paris, Marx inicia os preparativos para o retorno à Alemanha, onde irá viver com Engels a maior experiência política direta de suas vidas. Em Colônia, criam seu principal instrumento de luta nas revoluções de 1848-49, a *Nova Gazeta Renana* – NGR (*Neue Rheinische Zeitung*).

III

Quando Marx, em 26 de agosto de 1849, pisa no solo inglês – depois de ser expulso pela segunda vez da França – a situação em que se encontrava era totalmente diferente da saborosa viagem realizada no verão de 1845. Engels, seu *cicerone* daquela viagem, somente irá a ele se juntar, depois de sua participação na resistência militar dos batalhões operários, comandados por August Willich (1810-1878), em Colônia. As revoluções européias tinham acabado de ser derrotadas e a marcha da *contra-revolução burguesa* tinha se iniciado em todo o continente.

A volta à ilha não foi determinada pela vontade, mas sim como forma de escapar da prisão decretada, e por ser a Inglaterra o único espaço que restava a todos os revolucionários derrotados no “primeiro ato” da *Primavera dos Povos*. Assim, revolucionários, reformistas, democratas e nacionalistas encontram em Londres o seu abrigo. Porém, apesar do infortúnio da derrota, o entusiasmo era o mesmo do início das jornadas revolucionárias e a esperança de um novo surto revolucionário ainda palpitava. Marx e Engels, inicialmente, compartilham da ideia de que a derrota era passageira e, portanto, tratava-se de reunir e organizar os revolucionários e efetuar o balanço das lutas de 1848-1849, na expectativa do “segundo ato” da revolução.

Assim, Marx põe em andamento, de imediato, três atividades: participa do comitê de ajuda aos refugiados na *Associação Educacional dos Trabalhadores Alemães*; do reagrupamento e reconstituição do Comitê Central da LC; e inicia esforços para a criação de uma nova publicação, a *Nova Gazeta Renana – Revista político-econômica - NGR-R (Neue Rheinische Zeitung. Politisch-ökonomische Revue)*, que, com novo formato e objetivo, seria a continuidade do diário NGR – o órgão da democracia.

Durante o ano de 1850, todos estes projetos vão gradativamente fracassando. Na LC, inicialmente, havia uma concordância geral de que as vitórias da contra-revolução eram precárias e que um novo surto revolucionário, o “segundo ato”, era iminente. Diante disso, a criação de uma organização política autônoma do proletariado que fosse, ao mesmo tempo, secreta e pública, estava na ordem do dia. Estas ideias aparecem na NGR-R nos dois escritos de Marx e Engels (de janeiro-fevereiro e de março-abril), e na *Circular do Comitê Central (CCC)*, de março de 1850, onde se formula a estratégia e a tática da nova revolução, que finaliza com a palavra de ordem “revolução permanente”. Também uma das resoluções desta CCC era a criação da *Sociedade Universal dos Comunistas (SUC)*, em abril de 1850, com o apoio dos cartistas de Harney e representantes blanquistas que estavam em Londres. Em seus estatutos, estava definido em seu artigo primeiro:

O objetivo da associação é a deposição de todas as classes privilegiadas, a submissão destas classes à ditadura dos proletários, mantendo a revolução permanente até a realização do comunismo, que deve ser a última forma de constituição da família humana. (*Apud* RUBEL, 1991, p. 43)

A SUC terá vida breve, apenas cinco meses de existência. Marx, Engels e Harney rompem com os blanquistas, cujo mérito maior é o de ser uma tentativa pioneira de construção de uma Internacional Comunista.

As divergências na LC começam a aparecer ainda na primavera de 1850, com o resultado das investigações que Marx e Engels empreendem na NGR-R sobre o processo revolucionário recente. Distinta das circunstâncias efervescentes e do objetivo jornalístico imediato do diário NGR, a NGR-R assim se colocava:

Um período de aparente calma, como o atual, deve ser utilizado para esclarecer a etapa transcorrida da revolução, o caráter dos partidos em luta, as relações sociais que condicionam a existência e a luta dos partidos. (*Apud* CLAUDIN, 1985, p.228)

O que Marx e Engels perseguiram com esta publicação de cunho teórico era “investigar de modo detalhado e científico as relações econômicas que constituem a base de todo movimento político” (*Ibidem*). Este era o momento de balanço, autocrítica da experiência vivida e de extração de conseqüências teóricas e práticas. Ainda, quanto à importância e ao caráter específico destes artigos da NGR-R, cabe lembrar que Engels – na introdução que faz à republicação destes artigos, em 1895, sob o título *Luta de classes na França* – constituíram-se no “primeiro ensaio de Marx para explicar um fragmento da história contemporânea mediante a concepção materialista, partindo da situação econômica existente” (ENGELS, s/d, p.93). Após o exame dos últimos dez anos da história econômica, chegam à seguinte conclusão sobre os recentes acontecimentos europeus: as revoluções de 1848-1849 tiveram como fermento as crises agrícolas de 1845-1846, e a crise comercial e industrial de 1847. Da mesma maneira que a recuperação econômica capitalista em curso, desde 1848, era o alimento da vitória da contra-revolução. Diante disso, o diagnóstico do futuro é estampado e lavrado no número duplo – e último, dos seis publicados pela NGR-R – no final de 1850: “Não é possível uma nova revolução senão em conseqüência de uma nova crise. Mas esta é tão certa quanto aquela”. (*Idem*, p.189).

A fria e férrea conclusão de que qualquer revolução é impossível em momento de prosperidade econômica, caía como uma heresia não só para os membros da LC, mas para todos os democratas burgueses sediados em Londres: Ledru-Rollin, Luis Blanc, Mazzini e outros.

As posições no interior da LC já vinham se acirrando entre Marx e Engels – que insistiam no exame das “relações reais” – e a fração de Willich e Shapper, que retomavam as velhas concepções idealistas, aventureiras e golpistas da LJ. Contra Marx e Engels, afirmavam que a revolução dependia essencialmente da *vontade* revolucionária, e que naquele momento o proletariado poderia, de imediato, conquistar o poder. A distância entre as posições irá provocar a lenta dissolução da LC que se dará, praticamente, em fins de 1852.

No ano de 1851, Marx vive um dos piores momentos de sua vida: o fracasso da NGR-R; a lenta agonia da LC, submetida à repressão em Colônia; a prisão dos membros da fração de Willich-Shapper, em Paris; o seu isolamento político; o drama conjugal que vive com o nascimento de seu filho com Helena Demuth; a transferência do amigo Engels para Manchester – o seu “cativeiro do Egito” por vinte anos. Marx perde ainda as esperanças de ser anistiado e voltar à Alemanha, e, com o golpe de Luis Napoleão, qualquer chance de voltar ao continente. Além disso, com sua situação econômica sempre à beira do abismo, Marx cogita emigrar para os EUA.

Mesmo com toda esta adversidade – o início de sua “longa noite de exílio” que durará cerca de trinta e quatro anos – Marx não interrompe seus estudos de economia, chegando a acreditar, como diz em carta de dois de abril a Engels, que está pronto para redigir sua “Economia” em três volumes. (Cf. RUBEL, 1991, p.46) No final do ano, começa a redação de *O 18 Brumário de Luis Bonaparte* para *A Revolução (Die Revolution)*, semanário de Weydemeyer que havia emigrado para a América do Norte.

O isolamento político de Marx e Engels só não era total pelas relações que mantinham com os revolucionários cartistas até sua falência no final da década de 1850. Durante este período, colaboram ativamente nas diversas publicações da imprensa cartista revolucionária e muito contribuíram em sua batalha contra o reformismo.

Com a derrota de 1848 e com a volta da prosperidade vitoriana que aí se inicia, o cartismo entra no seu período de declínio (1849-1858). É neste exato momento que Marx e Engels passam a exercer maior influência no movimento, que, enfraquecido em relação à mobilização das massas, radicaliza ideologicamente.

Por volta de 1850, Harney rompe com as posições estritamente democráticas e pequeno-burguesas de O’Connor, abandona EN, e cria várias publicações, todas de breve existência: a Revista Democrática - RD (*Democratic Review*) e *O Republicano Vermelho* - RV (*The Red Republican*), depois chamado de *Amigo do Povo (Friend of the People)*. No RV são publicados os artigos de Marx da NGR-R sobre a França e, pela primeira vez, a tradução inglesa do MC. Engels, por sua vez, publica anonimamente na RD, duas séries de artigos – *Cartas da Alemanha* e *Cartas da França* – onde desenvolve a concepção de revolução permanente que Marx já expressara nos textos da NGR-R.

Harney vê assim este momento do cartismo no RV, de junho de 1850:

O cartismo de 1850 é muito diferente do cartismo de 1840. Progredindo tão depressa em alguns anos, os chefes do proletariado inglês provaram que são verdadeiros democratas, e não charlatães. Partindo da ideia de uma simples *reforma política*, chegaram à ideia de uma *revolução social*. (Apud DROZ, 1972, p.761)

Com o apoio de Ernest Charles Jones (1819-1869), Harney tenta reativar a Associação Nacional da Carta - ANC (*Nation Charter Association*). O sintoma nítido desta transformação aparece na troca da bandeira cartista: de verde até 1848, passa para vermelha a partir de 1850. Nesta fase, a polarização no interior do cartismo se dá entre a ANC de Harney e Jones – a ala mais radical – e a ala reformista da Liga Nacional (*National Reform League*), liderada pelo irlandês James O’Brien Bronterre.

Porém, Harney – que apoiara Marx e Engels na cisão com a LC – agora se entusiasma com o *pântano* democrático dos emigrados pequeno-burgueses – Ledru-Rollin, Louis-Blanc, Caussidière etc. – e com Willich-Shapper – mudando de posição e apoiando-os contra os comunistas alemães. Este processo é acompanhado com a aproximação de Harney – a quem Marx chamava de *Cidadão! Hip, hip, hip, hurra*, por sua excessiva empolgação – aos setores moderados e reformistas das cooperativas e das *trade unions* do movimento operário inglês. Talvez este fosse o destino implacável da marcha irreversível da cooptação da classe trabalhadora, de seus dirigentes e do cartismo. Finalmente em 1852, Harney renuncia definitivamente ao

cartismo, aproxima-se da burguesia radical e, dessa forma, cessa toda e qualquer relação política com Marx e Engels.

A partir deste momento, Marx e Engels apoiam firmemente a Jones – última liderança revolucionária cartista – em sua luta ideológica para repor o movimento em bases socialistas, quando este já está em sua linha descendente, iniciada em 1848-1849. O advogado alemão e novelista Jones – de origem familiar normanda, militar e abastada – ingressa no movimento cartista em 1846, torna-se seguidor de O'Connor e, por sua participação nas manifestações de 1848, fica preso durante dois anos. Pelas mãos de Harney, conhece Marx e Engels, em 1850 e – por suas posições mais radicais como a defesa da luta de classes, a afirmação do caráter contraditório entre capital e trabalho e a necessidade da conquista do poder político pelo proletariado – Jones e os comunistas alemães se aproximam.

A importância desta colaboração pode ser avaliada pelo comentário que Engels faz a Marx, em carta de 1852. Nela, diz:

A partir de tudo quanto vejo, os cartistas estão de tal maneira desorganizados e dispersos, e ao mesmo tempo com tão poucas personalidades válidas, que o movimento está condenado ou a cair aos pedaços e a degenerar em grupelhos (...) ou então a reconstituir-se sobre uma base inteiramente nova, graças a quem conheça a sua orgânica: Jones é o homem para isso. (Apud DROZ, 1972, p.764)

Além do mais, acrescenta Engels, Jones incorpora a “nossa doutrina”. Para que se possa ter sua dimensão ideológica na Convenção Cartista de 1851, defendia um programa democrático mais avançado e o *slogan* “A Carta sim, mas não só a Carta”, o que significava a incorporação das reivindicações sociais às políticas, reiterando a ideia de democracia social e política. Nesta época, escreve na EN: “pouco importa agitar diante das massas o *boné da liberdade*, se ao lado disso não agitares um *grande naco de pão*”. (Apud DROZ, 1972, p.765)

Em maio de 1851, Jones toma a iniciativa de criar o periódico semanal, *Notas para o Povo* - NP (*Notes to the People*), que teria dezoito meses de existência, e depois passaria a se chamar de *O Jornal do Povo – O campeão da justiça política e dos direitos universais* - JP (*The People's Paper – The champion of the political justice and universal rights*), que recebe total apoio de Marx e Engels.

Nestes periódicos, Marx colabora direta e gratuitamente na redação, orienta Jones em seus artigos econômicos e escreve vários artigos, onde alguns levam sua assinatura, outros não. Dos artigos assinados, os mais famosos foram sobre Lord Palmestron – grande proprietário irlandês e representante da oligarquia colonialista – fortemente ligado à Rússia czarista e com 50 anos de bons serviços prestados a governos ingleses, fossem *tories* ou *whigs*. Daqueles em que só aparece a assinatura de Jones, os mais significativos são os escritos no NP, que desmascaram o cooperativismo de consumo e de produção, apresentado pelos burgueses e socialistas cristãos como panaceia para os males sociais. Nestes artigos, o cooperativismo aparece como uma manobra demagógica de negação da luta de classes e colaboração de classes. Anos mais tarde, em carta a Engels de 4 novembro de 1864, Marx recordaria positivamente destes artigos e de participação “íntima” em sua elaboração. (Cf. FEDOSSEIEV, 1983, p.263-264)

É por iniciativa de Marx que Eccarius, Freiligrath, entre outros, colaboraram nas publicações de Jones. O pico de sua tiragem foi de 3 mil exemplares, mas, mesmo assim, encontravam extremas dificuldades financeiras. O mais irônico é que Marx também prestava apoio nas questões econômicas dos periódicos.

Esta colaboração política com Jones, por cerca de 20 anos, foi a mais longa que Marx e Engels tiveram com o cartismo. Isto não significou que durante todo este tempo não houvesse tensões entre eles, como em 1852, quando Jones não cumpriu a promessa de publicar *O 18 Brumário*. Porém, no mesmo ano, aparecem no JP, nove artigos do alfaiate Eccarius, *Uma resenha sobre a literatura a respeito do Coup d'Etat (A review of the literature on the Coup d'État)*. Nestes artigos, são comentados vários livros sobre o golpe de Luis Bonaparte – Xavier Durrieu, Victor Hugo, Proudhon – e os últimos dois dedicados a Marx, onde são reproduzidos literalmente os trechos principais do primeiro capítulo de *O 18 Brumário*. (Cf. MARX e ENGELS, 1978, p.615-620)

Uma nova onda de greves atinge a Inglaterra em 1853 e a movimentação cartista ganha novo estímulo. Impulsionados pela manifestação grevista, os cartistas revolucionários projetam a criação de uma grande organização operária com o nome de *Movimento de Massas*. Ela seria a junção das *trade unions*, dos grupos cartistas e dos operários não organizados e teria como órgão dirigente um *Parlamento dos Trabalhadores* convocado periodicamente. Desta forma, por iniciativa de Jones, foi convocado o *1º Parlamento dos Trabalhadores* de Manchester, em 1854, que tem Marx como convidado de honra. Na impossibilidade de comparecer, envia uma manifestação que ele mesmo, mais tarde, consideraria ambígua:

(...) a classe operária da Grã-Bretanha mostrara-se mais capaz do que qualquer outro de estar à frente do grande movimento que, na análise final, deve conduzir à liberdade completa do trabalho (...) A organização de suas forças unidas, a organização da classe operária em escala nacional – imagino que este seja o grande objetivo que o *Parlamento dos Trabalhadores* propôs a si mesmo. (Marx *apud* McLELLAN, 1990, p.279)

Por ocasião do 4º. aniversário do JP (abril de 1856), outro honroso convite é feito por Jones a Marx, como o único convidado da emigração e na condição de “aliado íntimo” do cartismo. No evento, Marx faz um discurso onde afirma que a emancipação do proletariado é “o segredo do século XIX e da revolução desse século”, que as revoluções de 1848-1849 haviam anunciado. (Cf. RUBEL, 1991, p.63).

As manifestações de massa de 1855 podem ser consideradas o “canto do cisne” do cartismo. A partir daí, os dirigentes sindicais estabelecem acordos com partidos liberais e Marx perde toda a esperança com o movimento inglês que, poucos anos antes, havia se colocado como a vanguarda do proletariado europeu, e agora pensa mais em se parecer com os burgueses do que derrubar o seu poder.

Este estado de espírito de Marx – em relação ao destino dos trabalhadores ingleses – é reiterado por Engels, anos mais tarde, no Posfácio de 1892, que escreve à reedição alemã de *A situação...* Em retrospectiva histórica, observa que, com a prosperidade industrial que se seguiu à crise de 1847, a classe operária converteu-se, politicamente, em apêndice do *grande partido liberal*. Com a vitória do livre-cambismo, os obstáculos à hegemonia política e ao

desenvolvimento econômico da burguesia industrial foram gradativamente sendo solapados. Para a classe trabalhadora inglesa, desde 1848, isto significou ganhos em direitos progressivos e uma melhora indiscutível nas condições de vida, resultando numa acomodação na posição alcançada. Isto é provado pelo “fato de, há quinze anos, seus patrões estarem satisfeitos com eles e eles, com seus patrões”. Na verdade, Engels se refere à formação de uma *aristocracia na classe operária*, os *operários modelos*, que consideram o conquistado como definitivo. Não deixa, entretanto, de acrescentar que excetuando-se esta “minoridade de operários privilegiados”, a situação da grande massa dos trabalhadores do campo e das cidades é de um “estado de miséria e insegurança”, tão ou mais grave na atualidade do que no passado. (Cf. ENGELS, 2008, p.352-354) O importante para Engels, neste momento, é o “despertar do *East Land* londrino”, o ressurgimento do socialismo não “diluído em água de rosas” e do novo “*trade unionism*”, organização da grande massa dos operários *não-qualificados*. (Cf. ENGELS, 2008, p.356)

As relações entre Jones, Marx e Engels tornam-se mais tensas em 1856, quando o líder cartista, seguindo a trilha do reformismo, participa de campanhas políticas das alas radicais da classe média, como forma de contar com apoio para a reforma eleitoral, que acaba fracassando. A partir desta data, Marx e Engels cessam de colaborar com JP.

Em 1858, a ACN melancolicamente se dissolve, pondo fim ao movimento, depois de quase três décadas de lutas. O sufrágio universal, ponto central desta luta, só será implantado em 1918. Porém, durante todos estes anos, o operariado inglês arrancou da aristocracia rural e financeira, e da burguesia industrial, uma série de conquistas que minimizavam as condições de vida da classe trabalhadora inglesa⁴ e que pressionavam a burguesia continental a trilhar por este caminho. O JP, neste mesmo ano, passa para mãos burguesas e sela o seu fim. Jones, três anos mais tarde, se aproximaria do radicalismo burguês, abandonando a luta revolucionária e voltando para Manchester, onde passaria a exercer advocacia.

Em 1º de fevereiro de 1859, Marx, em carta a Weydemeyer, assinala dolorosamente seu total rompimento político com Jones. Porém, isso não significou que Marx e Engels deixassem de manter relações de amizade até a morte de Jones, em 1867, considerado pelos comunistas alemães “o mais talentoso de todos os cartistas” (Cf. McLELLAN, 1990, p.279) e um dos “poucos amigos antigos” deles. (Cf. MEHRING, 1943, p.219).

Com o declínio irrecuperável do cartismo, do acomodamento do movimento operário inglês – que passa a viver às expensas da expansão colonial vitoriana – com a vitória da contra-revolução burguesa, as esperanças e as apostas de Marx e Engels, no final dos anos 1850 e nos anos 1860, concentram-se numa nova crise que provoque o ressurgimento do movimento europeu no continente.

No discurso de fundação da 1ª. *Associação Internacional dos Trabalhadores* em 1864, Marx rende homenagem à luta dos trabalhadores ingleses, destacando a conquista da jornada

⁴ Durante toda a movimentação cartista são estabelecidas uma série de leis que favorecem a classe trabalhadora inglesa: 1824, lei que permite a liberdade de associação para os operários; 1833, primeira lei de proteção ao trabalho infantil, que proíbe o trabalho para menores de 9 anos e que estabelece jornada de 9 horas para menores de 13 anos e de 12 horas para menores de 18 anos; 1836, lei de imprensa; 1837, reforma do Código Penal; 1842, nova lei sobre o trabalho fabril infantil e feminino; 1846, lei de associação política e supressão de direitos sobre os cereais e, em 1847, lei da regulamentação da jornada de trabalho de 10 horas para mulheres e crianças.

de 10 horas, que naquele momento era imposta aos países do continente. Para Marx, esta conquista não significou

(...) apenas um grande êxito prático; foi a vitória de um princípio; pela primeira vez, em plena luz do dia, a economia política burguesa sucumbia ante a economia política da classe trabalhadora. (MARX, s/d, p.319)

IV

O pequeno artigo de Marx, publicado anonimamente, que apresentamos nesta edição de *Novos Rumos*, intitulado *A constituição da República Francesa aprovada em 4 de novembro de 1848*, foi publicado no número 7, do *Notes to the People*, em 14 de junho de 1851. Ele foi o primeiro de uma série projetada por Jones sobre as constituições européias, após a derrota de 1848. O projeto não foi adiante e apenas outro artigo sobre a constituição prussiana foi publicado, mas não de autoria de Marx.

A importância deste artigo é que ele se apresenta como uma mediação entre o que Marx escreve sobre a França na NGR-R, em 1850, e em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, de 1852.

Marx já havia tratado do tema no artigo, *O 13 de junho de 1849*, publicado no segundo caderno da NGR-R, em 1850. Aí, considerava a Assembléia Constituinte – de 4 de maio de 1848 a 28 de maio de 1849 – como a “constituinte da contra-revolução”, elaborada e aprovada sob estado de sítio, debaixo do sabre e da hegemonia republicana, a responsável pelo massacre do proletariado parisiense nas jornadas de junho 1848.

Para Marx, a Constituição de 1848 se desenvolve em condições históricas e políticas totalmente diversas das congêneres na França. No passado, as constituições eram elaboradas e aprovadas no momento em que a revolução social alcançava um “ponto de tranquilidade” e de equilíbrio entre as “relações de classe recém-formadas”. Esta situação garantia que as frações da classe dominante em disputa pudessem chegar a um acordo “que lhes permitia prosseguir na luta entre si e, ao mesmo tempo, excluir dela a massa esgotada do povo”. O que ocorria agora, era o contrário: ela não “sancionava nenhuma revolução social”, mas sim, “sancionava a vitória momentânea da velha sociedade sobre a revolução”. (MARX, s/d, p.138)

Com este mesmo foco analítico, Marx inicia o artigo em pauta, desnudando ponto por ponto o “truque” comum a todas as constituições burguesas: o de proclamar princípios abstratos de liberdade e igualdade de direitos “sempre com a reserva das *exceções previstas* pela lei”, restringindo-os e delimitando-os na prática, depois, através de leis orgânicas. Observa-se um processo de contínuo aprimoramento constitucional, iniciado com Napoleão, onde as exceções são mantidas e ampliadas, caminhando de par com o crescimento do poder do estado, que dão o tom e contorno da marcha da contra-revolução burguesa.

Outro ponto tratado é a questão política que envolve a constituição aprovada. O presidente francês eleito, Luis Napoleão, estava impedido de reeleição, a menos que a Assembléia Nacional aprovasse sua alteração por uma maioria de dois terços, coisa que ele não dispunha. O “jogo de Napoleão”, que antecipava claramente o desfecho do processo que culminaria com seu golpe de estado, era o de desgastar a Assembléia Nacional, onde a burguesia

republicana encastelada, esperava somente o término de seu mandato presidencial para reinstalar no poder o general Cavaignac – o verdugo do proletariado francês nas jornadas de junho de 1848. Fomentando o descontentamento popular, Luis Bonaparte apresentava propostas de leis demagógicas que, sabia de antemão, seriam recusadas pela Assembléia Nacional e, assim, corroía o poder parlamentar. Esta – que é a *manobra bonapartista par excellence*, se repetirá à exaustão até o golpe de 1851.

Com este jogo, Napoleão não só angariava a simpatia popular e o apoio do exército, mas principalmente, isolava a *representação parlamentar burguesa*, inclusive da própria *burguesia extra-parlamentar*. Marx salienta que, para o povo – que a cada dia via crescer a precariedade de suas condições de vida – qualquer mudança só poderia significar uma melhoria em sua penosa existência.

Desta maneira, no caso de resistência da burguesia às pretensões de Luis Napoleão, prevê Marx, que o povo lutaria a seu lado. Restaria à burguesia, diante deste quadro de possibilidade de avanço popular, e de uma república social e democrática, escolher o mal menor: “preferiria um império ou uma ditadura de Napoleão”. Nesta possibilidade, conclui Marx, “a burguesia chegaria a um acordo com o presidente”, que aceitaria de bom grado, pois Luis Napoleão também “teme o poder democrático”. Poucos meses depois deste artigo, em 2 de dezembro, Luis Napoleão realiza seu golpe de estado com a complacência da burguesia e apoio popular.

No mesmo mês de dezembro, Engels recebe o convite de Weydemeyer – que imigrara para a América do Norte – para escrever um artigo sobre os recentes acontecimentos franceses para o periódico que pretendia lançar *A Revolução*. Impossibilitado de atender ao antigo companheiro da Liga dos Comunistas, Engels recorre a Marx, em carta de 16 de dezembro de 1851, para realizar a tarefa. Em apenas quatro meses, Marx redige os sete artigos que compõem *O 18 Brumário*, considerado como o paradigma de sua análise histórico-política, onde aparecem claramente os elementos da análise contidas neste artigo, e que não deixam qualquer dúvida quanto a sua autoria.

REFERÊNCIAS

- CLAUDIN, Fernando. *Marx e Engels e a Revolução de 1848*. 4ª.ed., Madrid: Siglo Veintiuno editores, 1985.
- DROZ, Jacques. *História geral do socialismo*. Lisboa: Livros Horizonte, volume 3, 1972.
- ENGELS, Friedrich. Introdução às Lutas de classes na França, de 1848 a 1850. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, volume 3, s/d.
- _____. Contribuição à história da Liga dos Comunistas. In: MARX, K. ENGELS, F. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, volume 2, 1976.
- _____. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FEDOSSEIEV, P. N. e alli. *Karl Marx: biografia*. Lisboa: Avante; Moscovo: Edições Progresso, 1983.
- MARX, Karl. Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, volume 3, s/d.

MARX, Karl. Lutas de classes na França, de 1848 a 1850. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, volume 3, s/d.

_____. Manifesto de lançamento da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos*. São Paulo: Edições Sociais, volume 3, s/d.

_____. Prefácio. In: *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982a.

_____. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1982b.

_____. La crítica moralizante o la moral crítica: contribución a la historia de la civilización alemana, contra Carlos Heinzen. In: MARX, K.; ENGELS, F. *La sagrada familia*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *La sagrada familia*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1973.

_____. Manifesto Comunista. In: _____. *Cartas filosóficas e outros escritos*. São Paulo: Grijalbo, 1977.

_____. *Collected Works*. London: Lawrence&Wishart, volume 11, 1979.

McLELLAN, David. *Karl Marx: vida e Pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990.

MEHRING, Franz. *Carlos Marx, el fundador*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1943.

RUBEL, Maximilien. *Crônica de Marx*. São Paulo: Ensaio, 1991.

Recebido em 27 de novembro de 2012

Aprovado em 7 de dezembro de 2012